

Museus com colecções de arqueologia.

Programas expositivos

Conferência de abertura

Armando Coelho Ferreira da Silva *

1. Introdução

Lugares privilegiados para guardar a nossa memória colectiva e descobrir a nossa criatividade, os museus são verdadeiras *janelas para o mundo natural e físico que nos rodeia*. E, nos *bastidores*, trabalha uma engrenagem extremamente complexa, que permite que estudem, preservem e exponham o seu património.

As colecções arqueológicas, na sua totalidade, representam toda a diversidade do nosso passado, que a investigação científica vem revelando. Salvaguardadas e cuidadas por museus, são um dos maiores bens do mundo. Reconhecer o significado específico destas colecções é realçar um serviço imprescindível que os museus de Arqueologia prestam à comunidade.

Os materiais arqueológicos representam, na generalidade, objectos que perderam a sua utilidade inicial, aparentemente compondo um mero conjunto de *restos*. Mas ficaram guardados, como quem está à espera de se ver um dia retirado do esquecimento, para adquirir uma nova função.

Entrados num museu, o que está em causa já não é a sua função utilitária.

Ao remeter-nos para um passado desaparecido, apontam para qualquer coisa que já não está lá, referindo-se a uma realidade invisível.

Ao observá-los, como visitante, ou ao expô-los, como museólogo ou conservador, assimilam-se conhecimentos sobre os antigos instrumentos, aprendem-se as técnicas passadas, apercebem-se outros contextos, exprimem-se sentimentos e convicções.

A sua nova função é, agora, significativa, formando, no seu conjunto, um sistema de objectos com capacidade de transmitir uma diversidade de representações.

Como condições essenciais à valorização da cultura material em exposição, pressupõe-se a exploração dos objectos conforme a sua natureza, ordenando-os

* Departamento de Ciências e Técnicas do Património da Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

segundo a sua proveniência e a sua história, a sua tipologia e as suas afinidades formais ou sobre outros critérios de que se possa justificar o seu interesse.

As diferentes formas de expor variam com o tempo, com o espaço, com as pessoas e as suas ideologias; mas as colecções permanecem. E é, por isso, que os museus são particularmente responsáveis pela salvaguarda e interpretação desta herança.

Como instituições dinâmicas, obrigam-se não só à salvaguarda e desenvolvimento das colecções, mas também a responder activamente a novas audiências e desafios, assumindo necessariamente as suas responsabilidades de investigação, conservação e comunicação, tornando o património actuante junto da sociedade onde se integra.

Assim, a realização de qualquer programa expositivo num museu com colecções de arqueologia deve representar sempre mais um passo de um projecto museológico global e integrado, forçosamente interdisciplinar, que alie os resultados mais actualizados da investigação arqueológica, os saberes da museologia e os recursos de inovadoras e imaginativas técnicas de comunicação.

2. Tendências actuais da arqueologia e da museologia: do objecto e da colecção para a interpretação

Quase todos os nossos museus de Arqueologia foram fundados com a intenção explícita de transmitir mensagens de identidade nacional, regional ou local, e com a função de conservar e informar acerca do passado de cada um desses territórios.

No presente contexto, em que se discutem filosofias de exposição em museus de arqueologia, é pertinente aproximá-las das questões de identidade, que são fulcrais para a definição de património, e ainda relacionar este interesse com o processo de reestruturação que vem transformando não só os espaços económicos e políticos mas também os espaços do imaginário à escala internacional. De resto, a noção de espaço tem-se tornado um conceito operativo e recorrente das ciências sociais e humanas, demonstrando a importância crescente do “fazer da geografia”.

De facto, as configurações geográficas são, sem qualquer sombra de dúvida, centrais às transformações a que assistimos no mundo contemporâneo e, embora a globalização possa ser a força dominante dos nossos tempos, o “local”, como reverso da medalha, é o complemento que tem assumido papel preponderante em todos os quadrantes da esfera pública, em que a globalização aparece intimamente associada a estas dinâmicas novas de re-localização, de procura e afirmação da identidade, única, de um país, de uma região, de um lugar.

Enquanto o pensamento modernista estava associado a tendências universalizantes e a conceitos abstractos, hoje em dia, a tendência pós-moderna relaciona-se sobretudo com o conceito de lugar, revalorizando e revitalizando o local e o particular, e reflectindo, afinal, sentimentos profundos acerca da inscrição das vidas humanas e identidades no espaço e no tempo.

Por outras palavras, se a modernidade criou um “eu” abstracto e universal, a pós-modernidade contém a possibilidade de uma geografia humana renovada e criativa construída à volta de uma nova síntese entre as pessoas e o lugar.

Os lugares são entendidos como textos, narrativas, repletos de signos, que lhes conferem o carácter único, que o distingue de um simples ponto numa geometria abstracta do espaço, devendo a gramática, a sintaxe e o vocabulário de cada lugar ser compreendido e os seus códigos tornados explícitos.

Neste sentido, o património arqueológico encontra-se intimamente associado a esta semiologia dos lugares sendo, muitas vezes, o principal meio através do qual conseguem criar uma identidade própria.

Pela sua natureza, as colecções arqueológicas estão profundamente enraizadas nos seus lugares, encontrando-se, pois, os museus com colecções de arqueologia numa posição privilegiada enquanto intérpretes e construtores de “cartografias cognitivas” tais como preconizadas por alguns autores contemporâneos.

A construção destas cartografias, na compreensão das relações que existem entre as pessoas, os povos, as comunidades e os lugares no tempo e no espaço, é um dos caminhos apontados para ultrapassar o sentimento característico da condição pós-moderna de “desenraizamento”.

É a interpretação destas relações que temos vindo a propor como parte integrante dos nossos projectos museológicos, fazendo articular exposições e programas às diferentes audiências.

As actuais directrizes da museologia vêm promovendo um conceito expositivo em que se conjuga a arqueologia “científica” com uma tendência humanista, ultrapassando as práticas mais conservadoras da exposição de objectos, que tendencialmente exploraram as suas qualidades estéticas, para os contextualizar e interpretar segundo as correntes contemporâneas dessas disciplinas.

Qualquer programa expositivo será sempre uma tarefa complexa, em que será necessário articular aspectos diversos, dependentes da própria situação do edifício e organização dos espaços, amplitude e valor das colecções, exigências culturais do público e necessidades dos investigadores, sem esquecer os aspectos pedagógicos, patrimoniais e demais interesses do meio em que se encontra implantado.

Quanto às instalações, o edifício deve ser, sempre que possível, “um cenário em que a arquitectura contribua de forma manifesta e convincente como uma expressão semântica do conceito de museu”, na expressão de M. Lehmbruck.

O conteúdo será sempre o elemento fundamental de qualquer programa expositivo, devendo, por isso, a sua selecção, planificação, organização e cenarização serem consideradas a partir de diferentes perspectivas, tendo presente a ideia-mestra de um museu vivo e dinâmico em permanente renovação de acordo com o desenvolvimento da investigação.

Com excepção dos museus nacionais, os programas expositivos deveriam, assim, optar pelos seguintes princípios:

- a) circunscrever preferencialmente as suas temáticas a contextos locais valorizados por investigação especializada;
- b) promover a acessibilidade;
- c) utilizar meios de comunicação inovadores e imaginativos.

Quer a acessibilidade quer a utilização de multimédia conduzem-nos já à ideia de que a exposição é sempre um sistema de comunicação. Este sistema inclui, como é conhecido, um emissor (os autores da exposição), um canal/meio (o conteúdo da exposição) e um receptor (o visitante). De acordo com este sistema, é importante que tanto emissor como receptor utilizem os mesmos códigos criando ainda mecanismos de avaliação que permitam o *feed-back*.

Segundo o modelo determinista, as exposições apresentam características didácticas lineares e unidimensionais. *A priori*, fixam-se os temas das exposições, a sua organização e a informação dos objectos. As exposições são concebidas e realizadas com o objectivo de comunicar ideias, por exemplo, contar uma história, explicar um conceito, sugerir uma nova atitude, revelar o interesse de um objecto ou de um fenómeno, que de outra forma escaparia à atenção do público. Neste caso, entende-se que os visitantes vão ao museu ou à exposição na expectativa de aprender qualquer coisa.

Este ponto de vista apoia-se demasiado no poder do design e subestima a flexibilidade do visitante.

Os programas expositivos segundo estes princípios implicarão que os seus objectivos específicos devam ser bem trabalhados, o material deva ser apresentado em passos lógicos e as ideias expostas de forma simples e as interacções entre o público e o material bem controladas.

Outro modelo, influenciado pela psicologia cognitiva, é bem mais sugestivo.

A noção de visitante como um mero espectador passivo, apreciando e absorvendo o material que é colocado na sua frente em sistemas previamente definidos fora do seu controlo, é substituída por um indivíduo activo, selectivo, que procura impor sentidos e significados ao material exposto.

Isto contrasta, mas não exclui a “aprendizagem efectiva”, que é a base do modelo determinista, tornando-se fulcral para o interesse e compreensão da interpretação, os factores de relevância, como sejam o significado e a organização conceptual.

O significado, isto é, o sentido da informação, é, de facto, importante para os objectivos das nossas exposições.

Toda a interpretação que não se relacione, de uma forma ou de outra, com o que está a ser exposto ou descrito como qualquer coisa que tenha a ver com a personalidade, experiência ou interesse do visitante, será estéril.

Uma maneira de tratarmos este significado diz particularmente respeito à linguagem, sendo certo que quanto maior for a semelhança entre a estrutura semântica de uma mensagem e o estilo verbal do público, maior será o seu significado. Com efeito, as pessoas compreendem mais facilmente a informação se lhes for apresentada exactamente como elas próprias a diriam, segundo desígnio bem difícil de concretizar por quem habitualmente usa linguagens próximas do hermetismo, como é comum entre os arqueólogos.

Por outro lado, a apresentação deve ser organizada de modo a permitir ao público o processamento dos dados tão rápida e eficientemente quanto possível, fornecendo chaves contextuais e informação em blocos, que facilite o seu reconhecimento.

No momento em que os museus questionam a sua razão de ser e as suas funções, as formas de conceber os seus programas expositivos são decisivas para o cumprimento da sua missão de apresentação ao público e atrair visitantes.

Os modelos referidos não se opõem; exploram simplesmente aspectos diferentes do comportamento humano. O ideal talvez seja ter em conta ambas as abordagens quando pensarmos em organizar qualquer programa expositivo.

Não devemos, no entanto, esquecer que não existe um visitante médio, que possa ser classificado por uma abordagem/concepção específica de uma exposição. A pluralidade da população é uma evidência, sendo diferentes os grupos etários, a educação de cada um e múltiplos os seus interesses. Esta diversidade tem de ser considerada a todos os níveis, pois o público não aprecia exposições impessoais, sendo, por isso, preferível a interacção de grupo e uma abordagem pessoal.

Apesar de estarmos conscientes de que muitos dos objectivos propostos ainda não foram alcançados, tentamos aplicar estes princípios nos programas expositivos que vimos desenvolvendo, quer pelas temáticas escolhidas (de carácter regional e local e fundamentadas numa investigação aprofundada e continuada) quer pelas diferentes abordagens dos contextos que pretendemos interpretar.

Um desses casos pode ser examinado na exposição sobre a *Citânia de Sanfins – uma capital castreja* presente neste Museu Nacional de Arqueologia em 1998-1999.

Resumo

Le processus de mise en place d'une exposition de Musée d'archéologie est un processus complexe. Il implique de nombreuses étapes, de la conception à la réalisation, en passant par la recherche, la médiation et l'évaluation.

Le dynamisme du musée, ainsi que la diversité des publics, exigent une approche flexible et ouverte. Il est important de tenir compte des besoins et des intérêts des visiteurs, ainsi que des enjeux éducatifs et culturels de l'exposition.

Comme se dit dans le texte, la mise en place d'une exposition de Musée d'archéologie est un processus complexe. Il implique de nombreuses étapes, de la conception à la réalisation, en passant par la recherche, la médiation et l'évaluation.

